

STEPHEN KING

SOBRE A ESCRITA

Tradução
Michel Teixeira



Copyright © 2000 by Stephen King. Todos os direitos reservados.
Publicado mediante acordo com o autor e a The Lotts Agent, Ltd.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

“Às vezes eles voltam” e “Último turno” foram publicados em *Sombras da noite*, Suma de Letras, 2013.
“O corpo” e “Aluno inteligente” foram publicadas em *Quatro estações*, Suma de Letras, 2013.

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORARIA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
On Writing

Capa
Adaptação de Julio Moreira sobre layout de Larry Rosant

Revisão
Rachel Rimas
Luísa Ulhoa
Flora Pinheiro

Editoração eletrônica
Abreu's System Ltda.

NOTA DO AUTOR

A menos que haja indicação em contrário, todos os exemplos em prosa, bons e ruins, foram escritos pelo autor.

PERMISSÕES

“There Is a Mountain”, letra e música de Donovan Leitch. Copyright © 1967 de Donovan (Music) Ltd. Administrada por Peer International Corporation. Copyright renovado. Copyright internacional assegurado. Usado com permissão. Todos os direitos reservados. “Grandpa Was a Carpenter”, de John Prine © Walden Music, Inc. (ASCAP). Todos os direitos administrados por WB Music Corp. Todos os direitos reservados. Usado com permissão. Warner Bros. Publications U.S. Inc., Miami, FL 33014.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K64s

King, Stephen
Sobre a escrita / Stephen King; tradução Michel Teixeira. – 1. ed.
– Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
255 p.

Tradução de: *On Writing*
ISBN 978-85-8105-277-9

1. King, Stephen. 2. Autores americanos. 3. Livros e leitura – Estados Unidos. 4. Literatura americana. I. Teixeira, Michael. II. Título.

15-20444

CDD: 928.699
CDU: 929:821.134.3

Sumário

Primeiro prefácio	9
Segundo prefácio	13
Terceiro prefácio	15
CURRÍCULO	17
O que é a escrita	93
CAIXA DE FERRAMENTAS	97
SOBRE A ESCRITA	121
SOBRE A VIDA: UM <i>POSTSCRIPTUM</i>	213
E, por fim, Parte I: Porta fechada, porta aberta	231
E, por fim, Parte II: Uma lista de livros	249
Mais do por fim, Parte III	253

“A honestidade é a melhor política.”

Miguel de Cervantes

“Mentirosos prosperam.”

Anônimo

Primeiro prefácio

No começo da década de 1990 (deve ter sido 1992, mas é difícil se lembrar das coisas quando a gente está se divertindo), entrei para uma banda de rock composta basicamente por escritores. A Rock Bottom Remainders foi fruto da imaginação da editora e musicista Kathi Kamen Goldmark, de São Francisco. O grupo incluía Dave Barry na guitarra solo, Ridley Pearson no baixo, Barbara Kingsolver nos teclados, Robert Fulghum no bandolim e eu na guitarra-base. Também tínhamos um trio de cantoras ao estilo das Dixie Cups que (normalmente) era composto por Kathi, Tad Bartimus e Amy Tan.

A intenção era nos reunirmos para um único evento — faríamos dois shows em uma convenção de livreiros, a American Booksellers Convention, daríamos muita risada, recuperaríamos nossa juventude desperdiçada ao longo de três ou quatro horas e depois cada um seguiria seu caminho.

Não foi o que aconteceu, já que nunca chegamos a nos separar. Gostamos tanto de tocar juntos que não conseguimos deixar a banda morrer, e, com a ajuda de alguns músicos “de apoio” no sax e na bateria (além da liderança de nosso guru musical, Al Kooper, no início), nosso som era bastante bom. Do tipo que as pessoas pagariam para assistir a um show. Não tanto quanto pagariam para ver o U2 ou a E Street Band, mas sim o que os mais antigos chamariam de “uns paus”. Saímos em turnê, escrevemos um livro sobre a banda (minha mulher tirava as fotos e, quando algum espírito baixava nela, dançava também, o que acontecia quase sempre) e continuamos a tocar vez ou outra, às vezes como

The Remainders, às vezes como Raymond Burr's Legs*. Os integrantes foram e vieram — Barbara foi substituída nos teclados pelo columnista Mitch Albom, e Al deixou de tocar com a banda porque ele e Kathi não se davam bem —, mas o núcleo permaneceu com Kathi, Amy, Ridley, Dave, Mitch Albom e eu... além de Josh Kelly na bateria e Erasmo Paolo no saxofone.

Continuamos com a banda pelo prazer de tocar e também pela companhia. Nós gostamos uns dos outros, e é bom ter a chance de conversar sobre nosso trabalho de verdade, aquele emprego fixo que sempre pedem que a gente não abandone. Somos escritores, e nunca perguntamos um ao outro de onde tiramos nossas ideias; nós sabemos que não sabemos.

Certa noite, enquanto comíamos comida chinesa antes de uma apresentação em Miami Beach, perguntei a Amy se existia alguma questão que *nunca* fora abordada durante as sessões de perguntas que se seguem a praticamente todas as palestras de escritores — aquela pergunta que nunca chegamos a responder diante de um grupo de fãs ardorosos, enquanto fazemos de conta que não vestimos as calças uma perna de cada vez, como todo mundo. Amy parou e pensou no assunto por um bom tempo, depois disse: “Ninguém nunca perguntou sobre a linguagem”.

Tenho com ela uma imensa dívida de gratidão por essa resposta. Naquela época, já fazia mais de um ano que eu vinha acalentando a ideia de escrever um livrinho sobre a escrita, mas nunca ia adiante porque não confiava em minhas próprias motivações — *por que* eu queria escrever sobre a escrita? O que me levava a acreditar que eu tinha algo de útil a dizer?

A resposta fácil é que alguém que vendeu tantos livros de ficção, como eu, deve ter algo de interessante a dizer sobre a escrita, mas a resposta fácil nem sempre é a verdadeira. O Coronel Sanders vendeu toneladas e mais toneladas de frango frito, mas não creio que todo mundo queira saber como ele fez isso. Se eu pretendia ser presunçoso a ponto de dizer às pessoas como escrever, era melhor encontrar um motivo além

* Raymond Burr, ator canadense cuja perna direita era discretamente voltada para dentro, devido a uma picada de cobra sofrida na adolescência. (N. E.)

da minha popularidade. Dito de outra forma, eu não queria escrever um livro, nem mesmo um tão curto quanto este, que me deixasse com a sensação de charlatanismo literário ou babaquice transcendental. Desse tipo de livro — e de escritor — o mercado já está cheio, obrigado.

Mas Amy estava certa: ninguém jamais pergunta sobre a linguagem. Este tipo de pergunta é feito a um DeLillo, um Updike, um Styron, mas não a romancistas populares. Ainda assim, muitos de nós, proletários, humildemente nos preocupamos com a linguagem, e temos extremo cuidado e paixão pela arte e pelo ofício de contar histórias no papel. O que se segue é uma tentativa de escrever, de maneira breve e simples, como me iniciei no ofício, o que sei sobre isso e como se faz. Trata-se do trabalho diário; trata-se da linguagem.

Este livro é dedicado a Amy Tan, por ter me dito, de forma simples e direta, que seria uma boa ideia escrevê-lo.

Segundo prefácio

Este livro é curto porque a maioria das obras sobre a escrita está cheia de baboseiras. Os escritores de ficção, incluindo este que vos fala, não têm um entendimento muito claro sobre o que fazem — por que funciona quando é bom, por que não funciona quando é ruim. Imaginei que, quanto mais curto o livro, menos baboseira teria.

Uma notável exceção à regra da baboseira é *The Elements of Style* [Os elementos do estilo], de William Strunk Jr. e E. B. White. Quase não há baboseira nesse livro. (Claro que é um livro curto; tem umas 100 páginas, bem menor que este aqui.) Digo, sem medo de errar, que todo aspirante a escritor deveria ler *The Elements of Style*. A regra 17 do capítulo intitulado “Principles of Composition” [Princípios da composição] é: “Omita as palavras desnecessárias”. É o que vou tentar fazer aqui.

Terceiro prefácio

Uma regra prática que só será dita objetivamente aqui é: “O editor sempre tem razão”. Diz o corolário que nenhum escritor aceita todos os conselhos dos editores, pois são todos pecadores aquém da perfeição editorial. Dito de outra forma, escrever é humano, editar é divino. Chuck Verrill editou este livro, como fez com inúmeros romances meus. E, como de costume, Chuck, você foi divino.

CURRÍCULO

Fiquei impressionado com o livro de memórias de Mary Karr, *The Liars' Club* [Clube dos mentirosos]. E não foram só a ferocidade, a beleza e o encantador domínio das palavras, foi o livro como um todo — ela se lembra de tudo que lhe aconteceu nos primeiros anos de vida.

Eu não sou assim. Tive uma infância bizarra e imprevisível, criado por uma mãe solteira que vivia se mudando e que — não tenho certeza absoluta disso — talvez tenha mandado meu irmão e eu para a casa de uma tia porque, durante um tempo, não tinha capacidade econômica nem emocional de lidar conosco. Talvez ela estivesse correndo atrás do nosso pai, que acumulou todo tipo de dívida e depois se mandou. Na época, eu tinha 2 anos e David, meu irmão, 4. Se foi esse o caso, ela nunca o encontrou. Minha mãe, Nellie Ruth Pillsbury King, foi uma das primeiras mulheres emancipadas dos Estados Unidos, mas não por escolha própria.

Mary Karr apresenta sua infância em um panorama quase ininterrupto. A minha é um terreno nebuloso, em que lembranças ocasionais brotam como árvores solitárias... O tipo de memória que parece ter a intenção de pegar e devorar alguém.

O que se segue são algumas dessas lembranças, além de uns vislumbres dos dias um tanto mais coerentes da minha adolescência e juventude. Isto não é uma autobiografia. É, na verdade, uma espécie de *curriculum vitae*, minha tentativa de mostrar como se forma um escritor. Não como se faz um escritor; eu não acredito que escritores *possam* ser feitos, nem pelas circunstâncias nem por autodeterminação (embora

já tenha acreditado nessas coisas). O equipamento vem na embalagem original. Embora não seja, de forma alguma, um equipamento incomum. Acredito que muitas pessoas têm pelo menos algum talento para escrever ou contar histórias, e esse talento pode ser fortalecido e afiado. Se eu não acreditasse nisso, escrever um livro como este seria perda de tempo.

Foi assim que aconteceu comigo, e nada mais — um processo desconjuntado de crescimento, em que ambição, desejo, sorte e um pouco de talento tiveram seu quinhão. Não se dê ao trabalho de tentar ler as entrelinhas, nem procure por uma linha mestra. *Não existem linhas, só vislumbres, a maioria fora de foco.*

1

Em minha lembrança mais antiga, eu imaginava que era outra pessoa — imaginava que era, na verdade, o menino fortão do circo Ringling Brothers. Foi na casa dos meus tios Ethelyn e Oren, em Durham, no estado do Maine. Minha tia se lembra bem da história e diz que eu tinha uns 2 anos e meio de idade, talvez 3.

Encontrei um tijolo de cimento no canto da garagem e consegui levantá-lo. Depois o carreguei bem devagar ao longo do chão liso enquanto, em minha cabeça, carregava o bloco por todo o picadeiro, usando um collant com estampa de pele de animal (provavelmente de leopardo). A multidão estava muda. A luz brilhante e branco-azulada do refletor iluminava meu incrível progresso. Os rostos maravilhados contavam a história: eles nunca tinham visto uma criança tão forte. “E ele só tem 2 anos!”, murmurou alguém, incrédulo.

Eu não sabia, mas havia um ninho de vespas debaixo do tijolo. Uma delas, provavelmente irritada com a mudança, saiu do ninho e me picou na orelha. A dor era brilhante, como uma inspiração venenosa. Foi a pior dor que eu havia sentido em minha curta vida, mas ela só ficou no primeiro lugar do pódio por alguns segundos. Quando deixei o bloco de cimento cair no pé descalço, esmagando todos os cinco dedos, me esqueci imediatamente da vespa. Nem eu nem minha tia Ethelyn conseguimos lembrar se fui levado para o hospital (tio Oren, a

quem certamente pertencia o Tijolo Maligno, morreu há quase vinte anos), mas ela se recorda da picada, dos dedos esmagados e da minha reação.

— Como você uivava, Stephen — contou ela. — Sua voz estava no auge naquele dia.

2

Mais ou menos um ano depois, minha mãe, meu irmão e eu estávamos em West De Pere, em Wisconsin, não sei por quê. Outra tia, Cal (que foi Miss do Corpo Auxiliar Feminino do Exército dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial), morava no Wisconsin com o marido, um simpático bebedor de cerveja, e talvez minha mãe tenha se mudado para lá com a intenção de ficar perto deles — embora eu não me lembre de ter tido muito contato com os Weimer. Com nenhum deles, na verdade. Minha mãe trabalhava, mas também não consigo lembrar em quê. Tenho o impulso de dizer que era em uma padaria, mas acho que isso foi depois, quando nos mudamos para Connecticut para morar perto de minha tia Lois e seu marido (Fred não bebia cerveja, nem era muito simpático; era um pai de família que usava cabelo cortado bem curto e tinha orgulho de dirigir o conversível com a capota levantada, sabe Deus por quê).

Houve uma torrente de babás durante o período em que estivemos em Wisconsin. Não sei se elas largavam o emprego porque David e eu dávamos muito trabalho, porque encontravam lugares que pagavam melhor ou porque o nível de cobrança de minha mãe era alto demais; só sei que foram várias. A única que me lembro vagamente é de Eula, ou talvez Beulah. Era adolescente, enorme e ria muito. Eula-Beulah tinha um senso de humor maravilhoso, perceptível até para um garoto de 4 anos como eu, mas também perigoso — parecia haver uma explosão de violência escondida atrás de cada manifestação de alegria traduzida em tapinhas nas costas, batidas de quadril e meneios de cabeça. Quando vejo imagens de câmeras escondidas mostrando babás da vida real que, de repente, começam a molestar e bater em crianças, sempre me lembro dos dias com Eula-Beulah.

Será que ela maltratava David tanto quanto a mim? Não sei. Ele não aparece em nenhuma das cenas da minha memória. Além disso, meu irmão estava menos exposto do que eu aos ventos perigosos do furacão Eula-Beulah. Aos 6 anos, ele devia estar no primeiro ano da escola, longe do alcance da artilharia durante a maior parte do tempo.

Era comum Eula-Beulah estar ao telefone, rindo com alguém, e gesticular para que eu me aproximasse. Ela me abraçava, me fazia cócegas até que eu risse e depois, ainda rindo, me dava um cascudo tão forte que eu desabava. Depois me fazia cócegas com os pés descalços até que nós dois ríssemos de novo.

Eula-Beulah era dada a peidos — daqueles barulhentos e fedidos. Às vezes, quando estava atacada, ela me jogava no sofá, colava a bunda coberta por uma saia de lã na minha cara e mandava ver.

— Pou! — gritava ela, se divertindo.

Era como ser soterrado por fogos de artifício de metano. Eu me lembro da escuridão, da sensação de estar sufocando, e me lembro de gargalhar. Porque, embora aquilo fosse, de certa forma, horrível, também era, de alguma forma, engraçado. De várias maneiras, Eula-Beulah estava me preparando para a crítica literária. Depois que uma babá de 90 quilos peida na sua cara e grita “Pou！”, o jornal *The Village Voice* fica bem menos aterrorizante.

Não sei o que aconteceu com as outras babás, mas Eula-Beulah foi demitida. Por causa dos ovos. Certa manhã, Eula-Beulah fez ovo frito para o café. Comi um e pedi outro. Eula-Beulah fritou o segundo ovo, depois perguntou se eu queria mais um. Os olhos dela me diziam: “Você não tem *coragem* de comer mais um, Stevie”. Então eu pedi outro. E mais um. E assim foi. Parei depois de sete, acho — sete é o número que me vem à cabeça, e com bastante clareza. Talvez os ovos tivessem acabado. Talvez eu tivesse chorado. Ou talvez Eula-Beulah tivesse ficado com medo. Não sei, mas provavelmente foi bom o jogo acabar nos sete. Sete ovos é muita coisa para um menino de 4 anos.

Fiquei bem por um tempo, depois vomitei o chão todo. Eula-Beulah se acabou de rir, depois me deu um cascudo, me enfiou no closet e trancou a porta. Pou. Se tivesse me trancado no banheiro, poderia ter mantido o emprego, mas não. Quanto a mim, eu não me importava de ficar no closet. Estava escuro, mas tinha o cheiro do perfume Coty da minha mãe e um reconfortante feixe de luz sob a porta.

Engatinhei até o fundo do closet, com os casacos e vestidos da minha mãe roçando minhas costas. Comecei a arrotar — arrotos longos e barulhentos que queimavam como fogo. Não me lembro de estar enjoado, mas devia estar, pois, quando abri a boca para arrotar mais uma vez, acabei vomitando de novo. Bem nos sapatos da minha mãe. Foi o fim da linha para Eula-Beulah. Quando mamãe voltou do trabalho, a babá dormia profundamente no sofá, enquanto o pequeno Stevie estava trancado no closet, dormindo a sono solto, com uma massa de ovos fritos semidigeridos secando no cabelo.

3

Nossa estadia em West De Pere não foi longa nem bem-sucedida. Fomos despejados de nosso apartamento no terceiro andar quando o vizinho viu meu irmão de 6 anos engatinhando pelo telhado e chamou a polícia. Não sei onde minha mãe estava quando isso aconteceu. Também não sei onde estava a babá daquela semana. Só sei que eu estava no banheiro, em cima do aquecedor, de pés descalços, tentando ver se meu irmão cairia do telhado ou se voltaria inteiro. Ele conseguiu voltar. Hoje, meu irmão tem 55 anos e mora em New Hampshire.

4

Quando eu tinha 5 ou 6 anos, perguntei a minha mãe se ela já tinha visto alguém morrer. Ela respondeu que sim. Já tinha visto uma pessoa morrer e ouvido outra morrendo. Perguntei como era possível ouvir uma pessoa morrendo, e ela contou de uma menina que tinha morrido afogada em Prouts Neck, na década de 1920. A menina nadou para depois da arrebentação, não conseguiu voltar e começou a gritar por socorro. Vários homens tentaram chegar até ela, mas naquele dia a contracorrente estava muito forte, e todos foram obrigados a voltar. No fim, turistas e moradores, entre eles a adolescente que se tornou minha mãe, só puderam esperar por um barco de resgate que nunca veio enquanto ouviam a menina gritar até que suas forças se esvaíssem e ela